



MULHERES NA ROTA DA MIGRAÇÃO: DE TIMBIRAS-MA PARA PRADÓPOLIS –SP.

Andréa Joana Sodré de Sousa ¹

Introdu o

Este artigo tem como ponto principal apontar, a partir do depoimento de mulheres migrantes do município de Timbiras², os motivos da saída para o Estado de São Paulo, as rela es de g nero que perpassam esse contexto predominantemente masculino, bem como a rotina do dia-dia em outro ambiente, que é o lugar de destino.

Grande parte das famílias do município de Timbiras vive com renda igual ou menor a um salário mínimo, sendo que 63% dessas famílias obtém sua renda do trabalho agrícola, desenvolvido na zona rural do município. Dessa maneira,   notório a condi es desfavoráveis em que vivem essas famílias (casa de taipa, sem água encanada, etc.). Dentro desse processo voltaremos nossos olhares para as mulheres que possuem um papel fundamental dentro da agricultura familiar. Mulheres que apesar do grandioso trabalho realizado, geralmente não são remunerada pelos trabalhos agrícolas que realizam ou ganham pouco na quebra de coco³.

Apesar das dificuldades de emprego e conseqüentemente de renda, as mulheres não enxergam na migra o a principal op o para soluço dos problemas enfrentados (falta de alimento, falta de sementes para planta o, falta de dinheiro para compra de remédios para a roça plantada, entre outros.). (BRANCO e VAINSENER, 2001, p. 02).

Segundo Menezes (2002), as primeiras pessoas da família a migrarem são os homens: pais, irmãos e filhos mais velhos. A mulher é o último membro da família a migrar, e esta op o são   cogitada quando a mulher não consegue mais com seu trabalho sustentar a sua fam lia⁴.

¹ Mestranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós Gradua o da Universidade Federal do Maranhão.

² Timbiras fica a 315 Km² da capital maranhense e sua popula o atual é estimada em 28.557 habitantes, segundo fonte do IBGE.

³ A quebra de coco babaçu   serviço muito comum na região dos cocais³, onde fica localizado o município de Timbiras. Muitas mulheres desta região têm este serviço como um trabalho secundário, realizado com fins de ajudar na renda mensal da família ou para consumo próprio. Esta atividade   vista como essencialmente de mulheres. As mulheres mais velhas (mães, tias, etc.) levam desde cedo, suas filhas, sobrinhas, etc, para as áreas de babaçuais, a fim de repassar esta cultura. Algumas destas áreas têm proprietário, e muitas das vezes as quebradeiras são podem colher o coco se acertar a venda das amêndoas para este. Sendo assim o proprietário é que estabelece o valor a da venda. Estas amêndoas são vendidas entre 0.60 centavos e R\$ 1,00 real o quilo.

⁴ Os maridos, pais, irmãos ou outros familiares migrantes, geralmente repassam mensalmente dinheiro para os familiares que ficaram no município de origem. Esse repasse depende também do salário recebido na Usina de Cana, já que este depende da produ o de cada trabalhador.



Esta saída significa para a mulher e para a comunidade um processo de abandono da terra, já que ela e os filhos mais são os elos do homem com sua terra, ou seja, é a mulher que “garante” ao homem uma maior comunicação e ligação com sua cidade de origem, se esta sai, rompe-se com esses laços. Porém, na maioria das vezes, não se trata de abandono permanente, e sim temporário, já que a família acaba por retornar à sua terra de origem, no término da safra e/ou depois de alguns anos no local de trabalho (Silva; 1988).

Podemos perceber essa discussão no depoimento dado por Iracileide, que migrou logo após a saída do marido, pois não conseguiu sozinha manter seus filhos em Timbiras, já que ficara sem emprego após a demissão da prefeitura⁵. No depoimento também fica claro os motivos principais que levam famílias a migrarem: falta de emprego no município e dívidas.

I: Quando ele saiu, eu tava trabalhando, Aí trocou de prefeito, aí tiraram as pessoas de lá.

P: E por que ele foi?

I: Porque ele tava devendo demais. Não tinha como pagar conta, e aqui não tava trabalhando, não tava dando pra nada. Aí teve que viajar pra pagar conta.

P: Mas a senhora foi junto com seu marido?

I: Ele foi primeiro. Com quatro meses que eu fui (Iracileide, entrevista nº. 03).

Antes e depois de migrar, a mulher desenvolve várias atividades que vão desde o trabalho dentro de sua casa como: arrumar a casa, cuidar dos filhos, alimentação, etc., às atividades fora de casa como: ajudar o marido ou os pais na roça da família e/ou outras atividades como vender na feira (verduras, frangos, refeições, etc.), fazer diárias (trabalhos domésticos), venda de produtos como Avon, Natura, entre outras atividades que ajudam na manutenção da casa. Vejamos no depoimento de Iracileide e de Maria das Dores como as próprias mulheres não consideram as atividades da casa como trabalho, isso por que a idéia de trabalho está ligada a salário mensal. Observemos ainda que mesmo trabalhando por conta própria (venda de cosméticos ou bijuterias) e recendo um retorno das vendas realizadas, nossas informantes tendem a falar que estes serviços não passam de “quebra-galho”.

P: E tu esta trabalhando com alguma coisa agora?

I: Não, só dentro de casa mesmo, cuidando da casa.

P: E o que a senhora faz durante o dia?

I: De manhã faço o café e depois vou cuidar de limpar a casa, fazer almoço, os meninos vão pro colégio de tarde.

P: E as tuas filhas ajudam?

I: Ajudam.

P: E tu pretendes trabalhar em alguma coisa agora?

I: Agora não. Porque eu não tenho como trabalhar, eu tenho a minha vendinha de jóias; eu pego, eu saio, eu vendo.

P: Já tem as freguesas certas?

⁵ Iracileide trabalhava no mercado do município, local onde vendia refeições.



I: Já. Às vezes pego R\$ 50,00 de lucro. Aí eu acho que aquilo ali. Eu não to trabalhando, eu não ganho como eu tava ganhando, mais de qualquer maneira ta ajudando, né? Melhor do que ta parada. Porque ruim agente ta passando sem ganhar nada, esse é que é o ruim. Ah eu acho muito enjoado, quando a gente quer comprar uma coisa num tem um real, num tem dez reais. Não! tem que trabalhar (Iracileide, entrevista n°. 03).

P: E atualmente você faz o quê?

M: Hoje aqui eu vivo quase pelos milagres de Deus, eu vendo, tenho umas vendas, eu vendo Avon, Natura, e eu também coloquei frango pra cortar pro meu filho de 13 anos e cortando, pra ir ganhando um pouquinho também, e disso eu vivo, também coloquei uma roça no interior, quando dá pra eu ir trabalhar eu vou, quando não dar eu pago um trabalhador, e aí vai vivendo.

P: É terra arrendada?

M: É terra do meu pai.

(...)

M: Ai lá eu ganhava R\$ 450, e depois que eu cheguei aqui eu já lutei pra arrumar um serviço de doméstica mesmo, mais o maior preço que eles me dão é R\$120, então uma pessoa que tem quatro filhos, com cento e vinte, o quê que dar? Não dar, então se é de deixar os meus filhos o dia inteiro sozinho em casa, prefiro arrumar uma vendinha, e lá no interior trabalhar na minha roça, quebrar um coco, é melhor. E ai, é a dificuldade daqui, eu andei Timbiras inteira caçando serviço, e o maior preço foi cinqüenta, setenta. Até cento e vinte eu achei, pra trabalhar a semana inteira, até domingo trabalha, não é certo. (Maria das Dores, entrevista n°.01).

Percebemos então que a família do município de Timbiras não possui uma estrutura na qual o homem é o único provedor de todo sustento da casa. O que se percebe é que muitas mulheres ao lado ou não de maridos ou companheiros (mulheres separadas), desempenham atividades fora de casa, a fim de manter sua família. A mulher não fica só em casa cuidando dos filhos e do lar, mas buscam também serviços que ajudam como disse anteriormente, na renda da família. Mas queremos deixar claro que não estamos afirmando, que não existam neste município famílias que dependam inteiramente do homem da casa (marido e pai), mas sim mostrar uma realidade que tem se modificado com os anos não só nos centros urbanos, mas também nas zonas rurais e pequenas cidades.

Dessa forma a mulher sai em busca de serviços que dêem mais renda e se desdobram para dar conta do serviço dentro e fora de casa. Primeiramente procuram empregos na própria cidade onde moram, e se não obtiver um bom resultado na busca de empregos e na subsistência dos filhos, estas saem em busca de emprego em outras localidades ou migram para junto do marido.

Algumas mulheres, como Iracileide, encaram o rojão do corte de cana nas lavouras de cana-de-açúcar ou encaram as fazendas de laranja, amendoim, entre outras atividades voltadas para a Agricultura. Vejamos no quadro abaixo as funções desempenhadas por homens e mulheres nas lavouras de cana e na própria Usina.



	Atividades	Descrição	Quem faz
Usina	Fiscal Geral	Responsável pelos “turmeiros”.	Homens
	Administrador	Responsável pela contratação dos trabalhadores.	homens/mulheres
Lavoura de cana	Cortador de cana	Corta cana nas lavouras, e tem uma folga a cada cinco dias.	homens/mulheres
	“Tutmeiro”	Vigia o cortador de cana, para que este não fique sem trabalhar durante muito tempo; verifica se o trabalho esta sendo realizado corretamente, e dirige o ônibus que leva os trabalhadores para as lavouras de cana.	Homens
	“Medidor”	Mede o talhão (cinco ruas) cortado pelos cortadores de cana.	Homens
	“Bituqueiro”	É o catador da cana que cai ou não é recolhida pelas carretas.	Homens

Percebe-se que são poucas as atividades desempenhadas pelas mulheres, somente a área de administração e no corte de cana. Em conversa com os informantes, estes nos disseram que uma mulher nunca realizou outra atividade. Ainda segundo alguns informantes, já existem usinas em São Paulo que não empregam mais mulheres para trabalhar no corte de cana, por considerarem um trabalho “pesado” e outros motivos⁶.

Mulheres que migram para trabalhar

Após a “expropriação” dos moradores e de seus familiares das propriedades rurais, devido à ativação da forma capitalista de produção no campo e conseqüentemente do arrendamento da terra, ocorreu a transformação destes trabalhadores rurais em assalariados e residentes das “periferias” ou “pontas de ruas” das cidades (ROSSINI, 1998, p. 992).

Sem terra para plantar ou pagando renda alta por esta, o (a)s trabalhadores (as) passaram a ter uma renda muito menor na produção da roça. “... a dificuldade que os ganhos da agricultura têm

⁶ Algumas empresas não contratam mais mulheres a fim de não pagarem licença maternidade, o que é visto como prejuízo para a empresa que estará pagando alguém que não está produzindo.



para atender às necessidades de subsistência... é um indicativo adequado de dependência agregada da exportação de trabalho” (MURRAY *apud* MENEZES, 2002, p. 88). Dessa forma, estes trabalhadores passaram a migrar temporariamente para outras cidades (“cidade destino”), para melhorar suas condições de vida, desestruturada com a expulsão da terra.

Ao chegar à lavoura de cana ou em outras atividades remuneradas, a mulher continua a desempenhar sua dupla jornada de trabalho. Ela sai para trabalhar nas fazendas de cana de açúcar (ou na colheita de amendoim, ou laranjas, etc.) ou em casas de outros, como empregada doméstica, e ainda terá que cuidar da sua própria casa (caso a família tenha migrado junto⁷).

Segundo Rossini (1998) mesmo após um dia longo de trabalho no corte de cana, as mulheres continuam sem descanso, já que terão que enfrentar as atividades domésticas, ou seja, as chamadas “atividades não produtivas: produção de valores de uso e prestação de serviços na unidade doméstica”.

O trabalho doméstico aparece como uma atividade desprovida de valor, não se vincula diretamente à produção e não é remunerado mediante salários. Deixa de ser um trabalho, pois, falsamente, só as atividades remuneradas é que são tidas como trabalho (...) Sua relação com a remuneração se faz através do elemento assalariado da família, geralmente o homem (...) Mas ao manipular o salário e transformá-lo em alimento, habitação, limpeza, enfim, ao empregar um serviço que transforme a moeda em formas necessárias à subsistência, a mulher aplica ao salário um trabalho que vem somar ao valor real do mesmo [...] (BLAY *apud* ROSSINI, 1998, p. 999).

A entrada da mulher na força de trabalho faz com que as atividades domésticas, que continuam sendo realizadas por elas, sejam consideradas secundárias, ou seja, passam a ser desempenhadas em horários extremos (muito cedo ou à noite), e/ou às vezes nos fins de semana ou feriados, pois se trata de algo indispensável para a reprodução familiar (ROSSINI, 1998).

Percebemos essa situação em uma de nossas informantes, que trabalhava no corte de cana junto com seu marido. Ela acordava bem cedo, entre três horas da manhã, pois tinha que fazer e levar o almoço para o serviço (e para seus filhos), ajeitar as marmitas, passar o café, deixar tudo preparado para que quando o marido e os filhos acordassem encontrassem tudo pronto. Depois ia para o serviço e quando chegava, ia prepara o jantar, lavar a roupa do serviço, dela e do marido, entre outras atividades. Percebemos também na fala da informante que o marido a ajudava no preparo das refeições quando este chegava primeiro, o que nos mostra a ajuda dada pelo marido.

I: Ah! Dificuldade assim, eu levantava cedo, levantava muito cedo pra ir trabalhar. Pegava chuva, pegava sol, chegava em casa essa hora (era mais ou menos dezessete horas). Cansei de chegar oito horas da noite, porque

⁷ As mulheres que saem para trabalhar como domésticas (na maioria separada ou solteira) não levam seus filhos, pois geralmente moram na casa do patrão. E estes por sua vez não contratam mulheres com filhos (para morar na casa de trabalho), segundo nossa informante Maria das Dores.



era longe. Porque tem dia que ia trabalhar perto, tem dia que era longe. Tinha dia que a gente chegava oito horas. Aí eu chegava em casa, ele chegava primeiro do que eu e fazia a janta, aí eu ia cuidar de limpar (a casa) e fazer comida pra nós levar no outro dia (Iracileide, entrevista nº. 03).

É notório, portanto, que a mulher fica com um tempo mínimo para o repouso, enquanto que para o homem pouca coisa mudou, já que este ao chegar do trabalho ou nos dias de folga, vai beber, jogar bola, bater papo com amigos e/ou descansar. Já a mulher fica em casa lavando roupa, cozinhando, costurando, arrumando a casa, cuidando das crianças, etc. A colaboração dos maridos com relação às atividades de casa, ainda é muito pouca. Sendo estes serviços, em sua maioria, desempenhados por mulheres. (ROSSINI, 1998).

Ao decidir ir para São Paulo ou outra região, a mulher passa por situações que consideram extremamente difíceis como: definir quantos e quais os filhos que vai levar; se leva todos ou se vai deixá-los com parentes na cidade. Algumas migram e acabam levando todos os filhos, pois se nega a ficar distante destes. Outras levam apenas os mais novos, por serem os menores e precisarem mais da sua assistência (MENEZES, 2002).

A dificuldade segundo essas mulheres em levar todos os filhos é que: primeiro, se levar os filhos mais velhos, estes já vão pagar passagem, e isto implica num custo a mais, já que muitas das vezes o marido manda dinheiro para apenas uma passagem, ou ainda, a mulher toma dinheiro emprestado com familiares para compra sua passagem⁸.

A outra dificuldade esta na viagem que é muito longa, durando em média de dois a três dias (isso quando o ônibus não prega pelo caminho) e, portanto, fica difícil cuidar de muitas crianças ao mesmo tempo dentro do ônibus⁹. Dessa forma poucas são as mulheres que optam por levar todos os filhos, na maioria das vezes preferem levar os filhos mais novos ou deixar todos os filhos aos cuidados dos parentes.

Ao chegar em São Paulo com seus filhos, a mulher atravessa outra dificuldade. Ao começar seu trabalho no corte de cana ou em outro serviço, a mulher passa a não ter mais tempo para cuidar do seu filho, já que passa o dia fora de casa.

Se antes, na sua cidade de origem, era comum iniciar os filhos, desde cedo nos trabalhos domésticos e da roça, no corte de cana essa possibilidade, atualmente, inexistente, pois não há permissão por parte dos empreiteiros e nem dos fiscais (ROSSINI, 1998).

⁸ As passagens vendidas por A. G. variam de acordo com a cidade destino. A passagem de Timbiras para São Paulo custa R\$ 150,00.

⁹ Segundo informações recolhidas com mulheres que migram com os filhos, estas dizem que quando levam mais de três crianças, recebem ajuda de outras mulheres (e mesmo de homens) dentro do ônibus. E quase sempre compra duas passagens: uma pra mãe e outra para os filhos.



No trabalho realizado por Menezes (2002) essas possibilidades de pais e filhos (estes com idade igual ou inferior a doze a quatorze anos) trabalharem juntos no corte de cana era admissível. Os pais levavam os filhos para o canavial, onde este não cortava cana, mas ajudava a tirar as palhas da cana, a limpar algumas áreas, entre outras atividades menores. Levavam desde cedo para que estes aprendessem logo tal atividade.

Os homens começam a migrar pra a região canavieira quando ainda meninos, em torno de 12 e 14 anos. Na realidade, eles já se iniciaram no trabalho familiar. Em geral, por volta dos 07 (sete) anos de idade, os meninos, já trabalham na terra, e as meninas alternam entre os serviços doméstico e o trabalho agrícola (MENEZES, 2002, p. 98).

Como já havia dito anteriormente, há algum tempo atrás era permitido, como mostro Menezes (2002), levar crianças entre doze a quatorze anos de idade para as fazendas de cana, onde ali ajudariam os pais e ficariam por perto.

Hoje a situação mudou, pois não é mais permitido crianças nas fazendas de cana, e isso dificulta a vida da mulher que tem que trabalhar, mas não tem com quem deixar o seu filho em São Paulo.

Nesse sentido as mulheres são obrigadas a lançarem mão de outra estratégia. Estamos falando das creches, onde as mães deixam suas crianças (de zero a dois anos e até maiores) sob os cuidados de outras mulheres durante as manhãs e tardes (de segunda a sexta feira). O grande problema é a conciliação da chegada e saída das crianças na creche com o horário de entrada e saída do serviço da mãe.

Em quase todos os municípios já há creches para crianças a partir dos 02 anos de idade. O grande inconveniente é que estas funcionam a partir das 07 horas, horário em que as mães já partiram para o trabalho e encerram suas atividades às 17 horas, momento também em que as mães ainda estão no campo. Neste caso, a alternativa é encontrar alguém para se encarregar de levar e pegar a criança no horário em que as mães não o podem fazer. (ROSSINI, 1998, p. 990)

Vimos que o principal motivo da saída destas trabalhadoras é o emprego, que possa proporcionar, na vida desta trabalhadora e na de sua família, melhores condições. Quando inquiridos sobre as mudanças provocadas pela saída, é quase unânime respostas de que as mudanças foram positivas, pois com o dinheiro adquirido fora, estes trabalhadores farão, ao retornarem à sua cidade, investimentos como: compra da casa, compra de terrenos, de móveis e eletrodomésticos para casa, de animais (bovinos¹⁰, caprinos, aves, etc.), às vezes investem em pequenos comércios, compram motos, entre outros investimentos.

¹⁰ “O investimento em gado representa uma poupança na economia camponesa, que pode ser acionada para suprir algumas das necessidades familiares” (Menezes, 2002, 96).



Esse retorno significa um reencontro com a família, mas também a hora de “mudar” e de mostrar para a família e para os vizinhos que “valeu a pena” ter migrado. Percebe-se que é importante para o homem e/ou para a mulher mostrar que conseguiu vencer. E essa demonstração de vitória dar-se através da compra de móveis, na construção ou reforma da casa, entre outros citados acima (MARTINS, 2000).

... os ganhos provenientes do trabalho fora da comunidade local não são utilizados apenas para a sobrevivência, mas também permitem adquirir algum tipo de bem durável. Saber se a renda do trabalho assalariado é utilizada para um ou outro propósito dependerá das circunstâncias locais, familiares e históricas (MENEZES, 2002).

Mas muitos acabam voltando no ano seguinte para São Paulo, buscando mais dinheiro, para investir naquilo que não foi possível. Esses trabalhadores ao voltarem para casa trazem, segundo dados que coletamos em Timbiras - MA, algo em torno de R\$ 7.000,00 a R\$12.000,00. Todavia, muitas vezes esse dinheiro será gasto em pouco tempo, devido os investimentos e também a alimentação da família, e por isso muitos se sentem na obrigação de retornarem ao trabalho em São Paulo.

São mulheres que lutam por melhorias de vida de seus filhos, maridos, pais e outros familiares. Mulheres que sozinhas comandam com mãos de ferro a casa que já não conta mais com um homem, ou que lutam juntamente com seu companheiro por melhorias da família.

Considerações Finais

Como vimos neste trabalho – e mesmo em reportagens nas emissoras de televisão – O município de Timbiras tem se destacado pelo deslocamento temporário de trabalhadores – chamados e autodenominados também de “safristas” – para o corte de cana em São Paulo e outros estados das regiões do Sudeste e Centro-Oeste do país. A cada ano que passa cresce o número de trabalhadores, segundo dados apresentados pela Pastoral do Migrante e informações que recolhemos com os próprios trabalhadores do município.

São jovens, homens, mulheres e famílias inteiras que saem da cidade, por vários motivos como a falta de emprego, busca de melhorias de vida, entre outras que vimos anteriormente. Este trabalho, baseado em pesquisa qualitativa, realizada durante os anos de 2005 e 2006, buscou entender e explicar como se deu, porque, quais os motivos da saída e as repercussões da migração na vida das mulheres de Timbiras.

Sabemos que perspectivas diferentes, orientam homens e mulheres a desenvolverem suas próprias atitudes, de acordo com sua realidade. Dessa forma é preciso que fique claro que os



indivíduos migrantes são atores, que tem opiniões formadas e que possuem a opção de se deslocarem ou não para outras regiões, ou seja, não podemos perceber os migrantes como meras vítimas que se vêem “obrigados” a migrar pela falta de opção empregatícia, mas como indivíduos que tem liberdade de migrar ou não, de ir e vir.

Não se trata aqui de decidir se a migração é boa ou ruim, mas de apontar como este processo repercute na vida dessas mulheres. Essas indicações demonstram que as “vítimas”, como aparecem na televisão e em outros locais, são além de tudo, sujeitos do e no processo da migração.

Bibliografia

ALVES, F. A produtividade do trabalho e a expansão para o Sudeste do Complexo Agroindustrial Canavieiro. In: CD. **Anais do IX Encontro Nacional da ABET** (Associação Nacional de Estudos sobre o Trabalho), 10 a 14 de novembro de 1995, Recife, PE.

BRANCO, A. M. e VAINSENER, S. A. Distantes do Éden: As condições de trabalho das migrantes na região do São Francisco. **Revista Trabalhos para discussão**. Nº. 115, set, 2001. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/tpd/115.html>>.

CARNEIRO. M.; SOUSA, A.; MARINHO, K. **Migrações, estrutura agrária e redes sociais**: uma análise do deslocamento de trabalhadores maranhenses rumo à lavoura de cana em São Paulo. Universidade Federal do Maranhão (UFMA); São Luis, 2007.

MARTINS, Cynthia. **Os deslocamentos como categoria de análise**: agricultura e garimpo na lógica camponesa. São Luis; 2000. Dissertação. (Mestrado em Políticas Públicas) – UFMA.

MENEZES, Marilda A. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes**: um estudo de famílias de camponeses-migrantes. Rio de Janeiro Ed.: Relume Dumará. João Pessoa, PB; EDUFBA, 2002.

ROSSINI, R.E. **Geografia e Gênero**: mulher, família e trabalho na área de Ribeirão Preto/SP (1977-1997). IN: XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais. Caxambu, v.1, 1998. Anais eletrônico. Disponível em: <www.abep.org.br>.

SOUSA, Andréa. J.S. **Mãe, Mulher e Migrante**: A repercussão do processo migratório na vida das mulheres do município de Timbiras-MA. São Luís, 2007. Monografia (Curso de Ciências Sociais).